



O M Á G I C O .

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Alfandega n. 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 8 DE FEVEREIRO DE 1852.

CENSURA SEM SENSO.

A *Marmota* por varias vezes se tem queixado amargosamente do *Periodico dos Pobres* transcrever della algum artigo que julga menos frivolo e ensonso, sem declarar a fonte aonde bebe esses goles de ouro ferretido.

Não deixamos de concordar com a contemporanea *Marmota*; porque pena seria que se ignorasse essa nova Hippocrene, rebentada da terra pelo couce de um novo Pegaso; com tudo sempre diremos á contemporanea *Marmota*, que qualquer folha pode transcrever o que lhe approuver de outra, sem por isso ser mais obrigada que á declaração de — Extrahido — a bem de se furtar á censura de, sendo gralha, querer se enfeitar com pennas de pavão.

Sabemos o que quer a contemporanea *Marmota*, quer ser annunciada pelas outras folhas, quer comprar bananas com o dinheiro alheio !... não é má !.. nós tambem não deixariamos de querer esse arranjo.

Ora ouça, não se fassa attiva, peça como favor, como obzequio, para que a annunciem, e não queira tolher á liberdade dos — Escriptores da sua terra.

A <i>Marmota</i> pela solfa	☞ Prospêra (1)
Não achou boa sabida	☞ no Rio
Quer ver agora se os Pobres	☞ com cuspo
Lhe podem suster a vida.	☞ de ganço.

Pós de mico. — Não arrepere na letra que foi feita à pressa

(1) Prospêra, vem do verbo prosperar, termo que tivemos a felicidade de lhe achar as raizes gregas, hespanholas, brazileiras e bahianas. — Prós, [do grego] = dizer, e pero do [hespanhol] — asneiras; o que no fim de contas significa — dizer asneiras; — termo que sahira impresso no dictionario que se der a luz na *Ilha de Fernando* quando, se abrir o Hospicio da Praia Vermelha.

Nictes.

A Illustrada Redactora do Jornal das Senhoras.

Terceira Carta.

O que é a mulher.

Não esperarei por vossa resposta, para continuar no meu proposito de mostrar-vos a inconveniencia de vossas ideas.

A mulher criada para companheira do homem é verdade que, não foi para sua escrava, mas é verdade tambem que, quando a natureza a fez fraca e fragil, sensivel em demazia a todos os movimentos da natureza, destinou-a a ser protegida por *alguem* que fosse superior a toda a criação, pela força de sua organização, de sua indole, e de sua intelligencia.

Toda mulher traz com seu nascimento esta consciencia, vede dois infantes, attentai a todos os seus actos, e vereis a menina ceder o passo sempre ao menino, embora este seja mais moço. Será isto filho da organização de nossa sociedade? Ninguém o dirá, porque na primeira infancia esta organização não tem acção alguma, passa sempre despercebida por essa infancia que só quer brincar, e alimentar sua curiosidade.

E como podia deixar de ser assim para a estabilidade da sociedade?! Se a mulher fosse um ente forte como o homem, a alliança entre estes dois seres seria pouco duradoura, senão impossivel.

Deus quando formou o genero humano, dotou-o com duas qualidades divinas : o poder e o amor.

Reunil-as ambas sobre todos os seres, seria estabelecer uma conflagração geral que destruiria o fim de sua criação : então distribuiu-as pelos dois sexos, deu ao homem o poder e á mulher o amor, e a ambos a necessidade dessa qualidade que lhes faltava.

Desde então o amor da mulher buscou sempre o poder do homem para alimentar-se á sua sombra, e o poder do homem esqueceu sua força, para vir repouzar-se no regaço do amor da mulher : como Jupiter despia muitas vezes seus raios por vir á terra reclinar-se no collo das Ledas, Europa, e Dunaes.

A mulher é de todos os seres da criação o que reúne mais graças, encantos, e attractivo, a natureza como que escolheu as cores mais finas, os traços mais graciosos e elegantes, as linhas mais perfectas, os adernans mais apraziveis para despejal-os sobre a sua cabeça, ao passo que a dotou de qualidades negativas na robustez do animo. Por ventura pretenderia ella, que a mulher dêsse desenvolvimento a estas, quiza á custa das outras?

Eu não creio, nem sei quem no creia : eu penso a este respeito com Anacreonte que dizia do poder da mulher :

Por armas e por defeza
Tem as formas engraçadas,
Que o ferro, o fogo, as espadas,
Que tudo podem vencer.

Esqueçamos essas pretensões de igualdade de direitos e regalias : a mulher é um ser de uma formação muito distincta do homem, que tem um destino muito diverso, que tem um dominio muito differente ; é um astro que conquanto gire ao lado do homem tem uma orbita differente, e precisa da attracção emanada d'elle, para equilibrar-se, e deixar de aniquilar-se no cháos da miséria.

Quereis conhecer a mulher ? Estudai-a, não em suas paixões, porque essas podem ser alteradas, derigidas pela organização social, mas em seus instinctos. Acompanhai-a desde o berço, e vereis que ella não appresenta em epoca alguma senão instinctos d'amor. O que querem dizer essas lagrimas tão promptas e copiozas, esse sentimento profundo e dolorozo á perda de um cachorrinho ou de outra qualquer insignificancia?

A mulher é um astro d'amor, que derrama esse sentimento em tudo que o rodeia : é uma fonte ou antes uma flor cujo aroma forma em torno d'ella uma atmospherá, que ensopa tudo que abrange em seu ambito.

Para que descolocal-a ? A emancipação não viria dar-lhe outros interesses, e retiral-a a seus instinctos ?

Depois estais em um circulo viciozo : se a condição da mulher hoje é d'escrava, não será isso dividido antes á carencia d'illustração no sexo masculino, do que a falta d'ella no outro sexo? Quer-me parecer que sim, e a experiencia dos seculos não desmentem este pensar. Para o sentirmos, basta olharmos para o seculo de Luiz 14, e o actual : ahi veremos que a condição da mulher n'elhora á proporção que a civilização vai ganhando terreno; que as pennas de Voltaire, Rousseau, d'Alambert, d'Holbac, Diderot e outros illustrando o sexo masculino, e soltando-o

das péas, que lhe havia posto sua propria ignorancia, inaugurão a liberdade, que mata Luiz 16, annos depois, e que rebenta em flor, não d'emancipação, mas de melhoramento na condição da porção mais bella da humanidade.

Por ventura foi a illustração da mulher, quem melhorou a sua condição?! Ninguém ouzará dizel-o: as Steels, as Sevigné, as Cuttin, as Montteron, as Rolland, as Radcliff, as Dacier, as Scuderis, as Abrantés, as Leonoras d'Almeidas apparecerão muitos seculos depois, que o Christianismo veio promover a civilização da humanidade, rehabilitar as mulheres, melhorar a sua condição, enquanto essas mulheres illustres, de que fallo, morrerão sem fazer o menor esforço para ao menos corrigir a condição de seu sexo, morrerão, depois de ter levado a vida a mostrar sua intelligencia em amphiteatro romanesco, ou em traducções de lingoas mortas, como Dacier, ou em pretensões a estadistas, como Stael, Rolland.

De todo o exposto conclue-se: que a mulher nasceo para amar, que não deve ser emancipada: que o melhoramento de sua condição é mais dependente da illustração do homem, do que da propria illustração. Uma outra vez desenvolverei mais estas trez propozições.

De V. S. Att. Venerador.

O Homem.

Amanhã ás mesmas horas.

— Até que finalmente....

— Aqui estou ás mesmas horas.

— Mas confessai que eu fui mais pontual.

— Sim, mas tambem eu não tive uns olhos que me prendessem aqui e que me fizessem desde hontem não mover-me deste ponto, como talvez vos acontecesse, já saboreando a idéa de um novo triumpho.... a proposito, como passastes esta noite?

— Silencio!... que vejo ali no postigo, meio aberto, um vulto que me parece ser ella.... Vamos ao vosso negocio, e fallemos baixo de maneira a não sermos ouvidos naquella ponto onde não quero destruir as bellas intenções que ha a meo respeito.

— Ah! sim, o meo negocio.... E' uma moça a quem votei muita estima, e direi mesmo amor, porque vós sabeis que nós rapazes quando queremos disfructar....

— Sim, derrete-se-nos o coração todo em amor, e, coiza singular! ás vezes chegamo-nos a persuadir que é verdadeiro!

— Diabo! e realmente eu a amava; porque emfim a pequena toda era esmeros, já cosendo-me, já ensaboando-me e mimoseando-me de todos os modos.

— Oh! de certo, e quem pôde resistir ao poder de um amor tão conveniente?!...

— Mas eu tambem a amava muito, e a amaria sempre se ella não se tornasse tão renitente em querer destruir um laço que me traz tanta ventura.

— Realmente, com esse passo, ella destruiu todas as provas que já vos tinha dado.

— Escuzado é dizer-vos que sempre me foi muito fiel: ha seguramente dez annos que tem de idade este meo namoro, e já não havia cão nem gato que não nos tomasse por noivos e até que de facto já estavamos cazados, e não faltava quem tambem attribuisse haverem já fructos deste hyminêo inda não realisado...

— Oh! isso é que é uma buxa de todos os diabos!

— Porem, ultimamente, o accaso deparou-me uma califórnia na bolsa de uma menina, de quem sou correspondido, e a quem pude fazer acreditar uma constancia, e uma fidelidade....

— Compreendo : como aquellas que votas a essa de quem queres agora despedir-te,

— Oh! mas esta cá tem dinheiro ; e vós sabeis que o oiro é um optimo conductor de calorico, e é provavel que em quanto elle exista me communique ao coração calor, quando mesmo o frio da indifferença o tenha gellado...

— E' provavel.

— O oiro pode tanto que me fez esquecer todos os meos votos de Fé, Esperança e Caridade, e eis-me engajado em casamento.

— Com a moça da California ?

— Está entendido, porque a outra, apesar de tudo, não tem a principal virtude deste mundo.

— Muito bem, vos dou os parabens.

— Ah! porem aqui é que está o difficil da couza ; porque a pequena tem provas contra mim e pretende pôr embargos.

— Oh! diabo! em que apuros estais metido; por isso eu cá estou livre disso.

— Como?

— Como cazado que sou, e illudindo-as, á cerca do meo estado, vou disfructando-as muito bem, e depois quando querem grimpar, abatto-lhes a prôa dizendo-lhes : *Meninas eu sou cazado!* e ainda em cima continuo a ter os privilegios de amante a pretexto de assim guardar melhor o segredo. Oh! não ha nada como ser cazado para essas couzas!

— E' por isso que eu quero cazar-me tambem ; porem com mulher que traga dinheiro, para melhor fazer minhas conquistas, porque as mulheres tem honra até em ser deshonradas, com tanto que seja por sugeito apatacado ou figurão ; embora d'ahi não lhe provenha, como de ordinario acontece, o menor interesse : e eu já ouvi a uma senhora, de alto cuturno, dizer que valia apenas lançar sangue em bacias de oiro.

— Pois cazai-vos F.... e então faremos liga sempre ; até mesmo porque quero dar-vos a gloria de uma victoria.....

— Uma victoria! qual é?!...

— Oh! é um pexinho de chupeta! !...

— Quem é?

— E' uma rapariga cazada, bem galante, a quem persigo ha muito tempo e ainda não pude conseguir senão esconder-se apenas me vê.

— E o marido?

— De nada sabe, porque ella é d'essas que receião pôr os homens em collisão de jogar o socco, e temendo isso não se anima a dizer-lhe as pretenções d'um teimoso, como eu, que por fim heide aproveitar-me mesmo desse receio, para pol-a em posição de ceder-me senão quizer comprometter-se devéras.

— E onde móra? como se chama?

— Depois vos direi. Cazai-vos com a tal california, e depois poreis em acção a influencia dos cobres e capitulareis.

E os embargos da outra?

— Sim a outra.... mas isso nada valle. Ora, o que pôde fazer uma miseravel que nem forças tem para conservar preso por mais tempo um presoneiro de dez annos? deixai-a embargar : tende o padre por vós para que não faça caso do embargo.... os padres tambem chicanão quando se lhes falla em dinheiro.

O Lampião de esquina.

[Continúa].

A MINHA ALMA.

As ondas erguidas, gemendo, ou bramindo,
Irsadas no alto, mais alto do mar,
Tornadas á praia, quebradas nas rochas,
Espuma espirrando no seo estalar :

Caldeiras de ferro sovadas de fogo,
Co'agoa em pulos no seio a ferver,
Ou achas de troncos soltando faiscas
Deitadas por terra queimadas a arder :

Ou nuvens feixadas por negra tormenta
Em troncos se abrindo p'ra raios cuspir,
Ou vento do sul soprando bem forte,
Mais forte que nunca, mais forte a rugir :

Volcões espalhados por montes extensos
Mil lavas soltando d'immenso grandor,
Ou o sol bem no alto seccando já tudo;
Crescendo mais sempre, crescendo em ardor :

Não são como est'alma que eu julgo ser minha,
Mas vivo com ella em vida infernal,
Mordida das serpes, queimada das lavas,
Levada dos ventos de um mundo ideal.

Ella é como as ondas erguidas ao longe;
Ella é como as ondas na praia a bater,
E' mesmo caldeira co'as agoas em pulos
Sovada do fogo no seio a ferver.

Tambem é qual nuvem rasgando seo seio
Soltando esses raios bem negra a ronar,
Ou qual sol ardente vermelho de fogo
No dia bem alto raivoso a queimar;

Se tem neste mundo co'as outras que lida,
Com ellas ligada, com ellas sentir,
Então ella vive peor que no inferno
Que o mundo ideal lhe deixa existir.

Mas n'este se vive, se vive, é sózinha;
No outro c'os homens ella ha-de viver.
Não valle a existencia, se sofre por elles,
Por elles, malvados, mais valle perder.

RESPOSTA.

Quando nos propusemos a expor por este jornal nossas ideias acerca da questão vertente, ideias ha muito, enraizadas em nossa consciencia, e não filhas da irreflexão e imprudencia, não tivemos em vista provocar discussão por conhecer-mos em nós muitissima falta de intelligencia e instrução para o fazer bem; mas hoje, apesar de todas essas desvantagens, acceitamol-a, pedimol-a.

Mas onça-nos primeiro, meu caro Sr. Duarte.

Nunca pretendemos applaudir escandalos, nem endeosar crimes, só quizemos, queremos e quereremos, que a virtude e o crime sejam sempre virtude e crime, em quem quer que se achem; quizemos soltar um brado de indignação, que nos dilacerava a alma, contra o fatal predomínio cego, injusto do forte contra o fraco; quizemos em fim elevar nossa fraca voz a favor dessa porção da humanidade desvalida, sem recursos e sacrificada á ambição e estupidez de homens barbaros, sem sensibilidade; e ver mos, se assim, ferindo a consciencia de um só desses individuos, que se corrigisse, fariamos um serviço á humanidade: eis nossa intenção; boa ou má, ahí a tem: boa ou má porem; destroe-se com ideias, com pensamentos, com argumentação; mas, muito ufano tachar de levianas, inconsideradas opiniões alheias expendidas com muito boa intenção e sem desejo de offender a pessoa alguma, sem as refutar, sem as destruir, são hespanholadas, meu amigo Duarte.

Leviano, inconsiderado e imprudente é o individuo, que em tom magistral julgando que ainda nos regulamos pelo *magister dixit*, não sabe respeitar opiniões alheias boas ou más; e com declamações vagas e com o seu simples *jubéo* as dá por mortas e derrotadas, sem nellas haver tocado.

Commiseração e compaixão merece o individuo, aliás de intelligencia, que, atacado da monomania de sabio universal, investe e ataca escriptos de outrem, empresta-lhes qualidades que não tem, e canta triumpho imaginario sem convencer o seu contrario do erro em que labora, sem lhe mostrar a verdade.

A' fé de Christão, que, apesar de tudo, ainda estou satisfeito; pois as minhas ideias para attrahirem a indignação publica foi necessario o convite do caro amigo Duarte sem o que nunca a terião, e talvez nunca a terão.

Apezar da minha reconhecida ignorancia elevado pelos sinceros desejos de descobrir a verdade, proponho-me a entrar em questão com o Sr. Duarte sob as seguintes condições.

1.^a Deixar acabar as minhas divagações, pois ao contrario será uma discussão eterna. 2.^a Discussão, seria, respeitosa, sem ridiculo, sem declamação; só de ideias e principios: 3.^a Estilo claro, vulgar, para que eu, ignorante, não precise recorrer ao Diccionario, e estudar termos; e por uma razão mui clara a verdade é pura e simples, nao necessita de enfeites e atavios para ser conhecida.

FOLHETIM DO MAGICO.

(Continuação do numero 12)

Oh ! replicou Clairet, è uma suspeita que me occorreo não ha muito tempo. Estes diamantes eu os conheço... Esta coroa, reparai bem, tem de menos uma pedra.

— E' verdade.

— Esta pedra, que conheço, tem um defeito, que muitas vezes tem feito dizer aos joalheiros, a quem a mostrava, que depreciava este magnifico diadema.

— Bem, esta pedra? diz Christina.

— Ha alguns dias que a vi no dedo de uma mulher.

— De uma mulher, diz a rainha.

— De uma mulher ! diz Marianna surdamente.

— E agora que estou seguro, que vossa vingança não póde poupar-o.... posso dizer-vos quem era essa mulher, era minha filha.

— Tua filha ?

— Sim minha filha.... innocente ainda, eu espero,.... minha filha que esse infame mandou roubar..... estou certo disso.... minha filha !

— Clairet.... Clairet, diz Christina, este homem é abominavel.

Não, è astuto. Por meio de um roubo, reservou-se uma fortuna de rei, e por um rapto, reservou-se uma mulher, que não tem igual em graças e belleza.

— Assim entendes? Clairet, replicou a rainha com voz mordente.

— Sra. fallo de minha filha.

— Tens razão..., ès seo pai... Deve ser bella a teos olhos, ella o foi aos delle.

— Não è um crime que merece a morte?

— Para ti, talvez, diz a rainha com um tom desdenhoso mas julgas Christina bastante mulher para punir uma infidelidade com a morte?..... A julgas bastante avara para punir um roubo com tal castigo? Desprezo pelos dois crimes, é o que merece Monaldeschi.

— Não é isso que me promettestes, Sra.

— Mas também não é esse o crime, de que me prometteste fornecer a prova.

Esperai, esperai.... nós acharemos, diz Clairet com confiança.

Houve um novo silencio, e bem depressa Marianna ouviu o susurro de papeis, que se mechião, e da rainha fallando de momento a momento

— Não é isso.... não è isso.

Apóz um momento passado, continuou :

— Cartas de Mazarin.. ainda... ainda... Escuta, escuta... (e leo).

“ Estai certo que não será por mim, que o vosso plano deixe de ser bem succedido. E’ preciso assustar bem a rainha sobre sua reputação, para obrigar-a a subir de novo ao throno, e uma vez que ella tenha tomado este partido, descançai em mim, deixai-me o cuidado de dirigir sua escolha. ”

— Então, diz Clairet descubrio agora toda a intriga. Reconheceis agora a mão donde partio o libello.

— Mas então porque esse rapto, se elle pertendia minha mão?... Advinhas, Clairet...

O velho não respondeo, uma horrivel suspeita havia-lhe atravessado a alma.

— Seria uma amante ciumenta, que elle quiz afastar ? E tua filha...,

— Oh! que Deos o proteja, respondeo Clairet, se esta suspeita for verdadeira, porque quando mesmo vós lhe perdoasseis, eu não lhe perdoaria.

Nem eu, exclamou de repente Christina, que tinha continuado a revistar os papeis, de Monaldeschi, porque aqui está a prova, eil-o escripta com sua propria letra, esse libello, que ouzou mandar imprimir. Agora, agora, Clairet, eu te prometto sua morte! Pronunciando estas polavras em alta voz, Clairet, interrompeo-a e dice-lhe a meia voz:

— Silencio, vem gente... Escutai, è elle...

— Emfim ! Aqui mesmo vou saber....

— Silencio, Sra, silencio, diz Clairet. vós não conheceis esta raça italiana. Lembrai-vos que estamos sós em um subterraneo, onde não serão ouvidos nem meos gritos, nem vossas ordens. Landini, que de muito tempo desconfio haver-se feito seu cumplice, Landini o acompanha. Ambos estão

armados; ambos se devem julgar perdidos se se virem descobertos: escondi esses papeis, esses diamantes: e que não suspeite elle couza alguma, se quereis que vossa vingança não nos fuja.

— Tens razão, diz Cristina, eu quero que ella seja justa: quero que elle mesmo pronuncie a sua condemnação.

Marianna percebeo pelo movimento, que houve no laboratorio, que seo paí tinha posto outra vez no almario secreto, tudo que elle tinha descoberto. Um momento depois ouvio a vóz de Landini, e a de Monaldeschi: entrarão, e ambos derão um grito de surpresa. Mas immediatamente Christina, que não queria dar-lhes tempo de suspeitar alguma couza, dirigio-se ao marquez, e dice-lhe com um tom cheio de doçura:

— Não esperaveis por certo achar-nos aqui, marquez, e nem eu mesmo esperava por aqui encontrar-vos. Eu vim procurar este impio Landini, e ja o accusava de preguiçoso, porque elle se gaba muitas vezes ante nós de passar as noites a trabalhar em quanto eu encontrei as suas fomalhas apagadas.

— Eu vinha para acendel-as, e pedi ao Sr. marquez para vir ver uma experiencia nova.

— Não a fareis esta noite, ou a fareis só. Marquez, vos ides me acompanhar, que tenho que dizer-vos.

— Estou ás vossas ordens, respondeo Monaldeschi com uma vóz que toda a sua hypocresia não pôde fazer calma. Eu ja vos sigo, Sra.

— Vòs tambem, Landini, vinde: acendei um bico á lampada, e andai adiante de nós. Preciso consultar-vos sobre um negocio d'alta importancia. E vòs, Clairret, como os officiaes de nossa caza inda não se recolherão, convidai-os a vir ao grande sallão de meos aposentos, aonde tenho a communicar-lhes importantes noticias.

— Importantes noticias ! diz o marquez.

— Sim, replicou ella, estendendo a mão a Monaldeschi, e surrindo-lhe, recebi uma carta de Mazarin, que me decide de todo. Sim quero subir de novo ao throno: vós me conheceis, agora estou decidida, amanhã posso ficar irresoluta de novo. Quero annunciar ja minha resolução a todos os meos officiaes, para me comprometter sem remedio.

— E' uma decizão tomada bem rapidamente !

— Não vos queixeis, diz Christina com este tom, com que as mulheres fazem as declarações mais doces, ou as perfidias mais infames.

Sahirão, e durante o caminho que tiverão a andar até os aposentos de Christina, ella foi para Monaldeschi de uma officiosidade tão graciosa, que elle julgou ter attingido ao fim de todas as suas intrigas.

E' certo que Monaldeschi amante de uma rainha, quiz ser rei: mas na falta deste titulo não quiz ter o destino dos seus iguaes, de ser atirado para o numero dos corteções obscuros. Para isso quiz assegurar-se uma fortuna real, e foi neste dia, cuja historia relatamos, que tinha lançado os dados de sua imprudente partida. No momento em que elle sahio com Christina do laboratorio de Landini, ella estava perdida. O acaso porem que devia perdê-la inteiramente, restabeleceo-a.

Chegada que foi Christina aos seus aposentos, as pessoas, que compunhão sua caza, não tardarão. Desde que estiverão todas reunidas, Christina, que tinha consesvado seu ar feliz, fez signal a cada um de assentar-se, e dice, com um tom calmo, que pouco a pouco foi tomando um acento de zombaria depois de sarcasmo, de colera, e em fim de ameaça.

— Aprouve-me reunir-vos para uma couza bem frivola. Trata-se de pronunciar-vos sobre uma questao que vou sujeitar ao vosso juizo.

Que pensais merecer o amante que trahe a sua amante?

Todos os supplicios imaginaveis, diz rindo Charnacé, não beber, nem jogar.

— Merece ser trahido, diz Guise.

— E vós, Srs, diz Christina dirigindo-se aos fidalgos italianos, que pensais?

— Só uma mulher pode responder, diz Doria. Se ella inda ama, será implacavel, e se não amar mais, póde perdoar.

— Boa resposta, d'italiano: e vós Monaldeschi, que dizeis?

— Eu julgo o crime impossivel.

— Melhor resposta... Doria, curva-te a teu mestre. Eu continuo.

Que merece, Srs, o criado que furta a seu amo?

— Chicote, diz Charnacé.

(Continúa)